

LOBO, João. *Diário da Vida de um Mocho – II* (diário).
Braga: Calígrafo, 2010. 172p.



João Lobo, além da ciência jurídica a que tem devotado a atenção enquanto advogado, é um escritor reconhecido pelos seus leitores, sobretudo do concelho de Braga, como denso, exigente e versátil, tendo já publicado, entre outros, romances como *A Praga* (1985) e *A Fonte do Ídolo* (1987), contos como *O Outro Lado da Luz* (2004) e *Nove Passos no Infinito* (2009) e crónicas como *Pequeno Dicionário da Infância* (1997). As características formais do autor, exploradas conscientemente, colocam o autor num plano isolado no panorama actual, pois poucos serão os autores que optam por este tipo de linguagem narrativa, exigente e que chama a atenção sobre si mesma, optando normalmente por linguagens mais simplistas e directas ou profundamente metafóricas e/ou metalinguísticas ou metaliterárias.

Em *Diário da Vida de Um Mocho II*, João Lobo dá a conhecer as novas aventuras de Rufinus e Absalão, iniciadas em *Os Senhores do Tempo* (2010), enquanto sobrevoam o país dos Caretos, ou seja, dos homens. Numa obra em que é evidente a formação clássica do autor, bem como a sua reflexão sobre a sociedade actual e a crítica dos costumes, à semelhança do que Esopo e Fedro fizeram, Rufinus, um mocho culto, recorda as viagens realizadas e descreve, ao longo das páginas das suas “Memórias”, a realidade sócio-económica e cultural dos nossos dias. O próprio Rufinus, nas páginas iniciais, caracteriza o seu diário e convida o leitor a reflectir sobre o mundo que o rodeia: “as “Memórias” de um pobre mocho [...] aqui as vou deixando em destrambelhadas letras que [...] bem poderão induzir o curioso leitor a mais dilatadas e profundas excogitações” (p. 15).

De uma forma simbólica e irónica, através da fábula e dos momentos narrados pelo mocho, a título de exemplo, o encontro com o sapo Miquelino, inchado por acumulação de créditos, a manifestação de ratos ou o descanso no SPA, João Lobo censura os vícios e costumes dos homens, revelando um profundo conhecimento da mente humana e do comportamento animal, e dá sentido à velha máximalatina “*ridendo castigat mores*”. Aliás, a influência clássica é notória ao longo de toda a obra, não só a nível do tema e da tipologia textual, mas também a nível linguístico, com o recurso ao Latim, e cultural, ao referir autores e seres da cultura clássica que enriquecem a obra e tornam actuais os modelos clássicos.

A densidade e exigência da obra deve-se sobretudo com a linguagem escolhida pelo autor para descrever as aventuras dos dois companheiros. A escrita é profundamente marcada pela dicotomia aparente entre dois registos de língua: o popular, de sabor rural intimamente relacionado com a natureza, coerente com o mundo de que provêm as personagens e do mundo de que se fala, e o erudito, de acordo com o valor simbólico que a tradição cultural humana atribui ao mocho – de sabedoria e erudição (afinal quase todos podemos ver de dia, mas poucos o conseguem de noite, no escuro).

Desta forma, são frequentes expressões como “orelhas moucas” (p. 19), “assim ao deus-dará” (p. 34), “quedo” (p. 19), por um lado, a que também se junta o uso de provérbios e frases aparentadas como “perdido por mim, perdido por mil e um” (p. 46), “Quem tem boca vai a Roma! P’ra frente é que é caminho, que para trás mija a burra!” (p. 132) ou “não dariam com a burrinha na água” (p. 57), e, por outro, “planturosos acontecimentos” (p. 12), “contumeliosas palavras” (p. 166), “da búsera oca merecem as mais sublimes fervenças” (p. 87). O autor recupera assim palavras com as quais não lidamos no dia-a-dia, seguindo o preceito de Eugénio de Castro, nos finais do século XIX, que dizia sobre as obras do seu tempo no prefácio de *Oaristos*: “No tocante a vocabulário, uma não menos franciscana pobreza: talvez dois terços das palavras que formam a língua portuguesa, jazem absconsos, desconhecidos, inertes, ao longo dos dicionários, como tarecos sem valor em lojas de arrumação”. Apesar da forte recorrência a essas palavras, o texto não se torna hermético, porque as frases se elucidam em contexto, quase sempre. Mais exigente talvez seja a influência latinizante, não só em algumas expressões, que vão pontualmente surgindo, mas sobretudo em construções sintácticas, que contribuem para o apurado e faustoso discurso.

O discurso parentético que vai também surgindo ao longo da obra, a recorrência, na classe dos verbos, ao pretérito mais-que-perfeito simples, completamente moribundo nos dias de hoje, e aos gerúndios, a riqueza da variedade dos verbos introdutórios do relato ou discurso, muito para além dos banais “disse/perguntou/respondeu”, que aqui são, por exemplo, “volveu/atalhou/obtemperou/prosseguiu/continuou...”, o uso do adjectivo anteposto ao nome (pouco recorrente na norma padrão da Língua

Portuguesa, a não ser para obter efeitos semânticos específicos) e a ironia reforçam o carácter reflexivo e erudito do narrador, Mocho Rufinus.

Este romance apresenta-se no título como um diário – um diário ficcional, não só por se tratar de uma obra literária, mas também porque a sua autoria pertence a um mocho. Assim, o leitor é enredado na curiosidade de saber o que poderá um mocho ter para contar da sua vida diária. No entanto, essa primeira vontade é defraudada pelo narrador. O que na verdade se nos apresenta é um diário na aparência, na disposição formal do relato (com referência local e espacial do momento de produção do discurso por parte do Mocho Rufinus); mas, efectivamente, na essência, é um livro de memórias, contado em dias diferentes, de um relato de uma viagem de carácter odisseico – género aliás que vai sendo reivindicado em diferentes momentos pelo narrador.

A diferença elementar entre estes dois géneros intimistas está no tempo: enquanto no diário encontramos geralmente uma sucessão de notas datadas, que correspondem a uma narração dita intercalada, ou seja, em que o registo dos factos narrados alterna com a ocorrência desses mesmos factos, resultante de uma escrita reatada diariamente (ou periodicamente), fragmentária portanto, em que o eu se vai constituindo por acréscimo e sobreposição, surgindo-nos assim disperso ao sabor dos dias e dos momentos, as memórias, baseando-se numa memória individual, como actividade biológica e psíquica que permite reter as experiências anteriormente vividas, registam diversos acontecimentos passados, emoções do “eu”, experiências de vida que estão num plano temporal mais antigo e que são posteriormente relatadas conforme a memória as selecciona e filtra, sendo muitas vezes um testemunho dum tempo e dum meio, somando ao relato de casos pessoais e familiares o de acontecimentos históricos, políticos e culturais. Ao contrário do que na maior parte das vezes sucede com a autobiografia ou com as memórias,

cuja natureza narrativa permite uma representação estruturada e completa do eu, no diário assistimos à construção incessantemente recomeçada do puzzle do ser. O memorialista pretende de facto legar um testemunho, para além de procurar a atenção e admiração do leitor pretende, sobretudo, atingir uma utilidade documental: “Tudo narrei, com maior desenvoltura e fundo amor à verdade, em cuidada filigrana e fina alvenaria no denso infólio das “Memórias” [...]. Mas não acredito que, afora Neco e Jasão, alguém terá a pachorra de ler tão minucioso registo, delas deixo aqui minguado resumo, conforme à curiosidade do leitor, aos inconformistas do saber e à desastrosa escassez de tempo, de que todos sentimos a maior falta” (p. 28).

Além disto, é notória a importância do antiquíssimo género da fábula, de origens orientais e que teve cultores tão importantes como Esopo, Fedro, La Fontaine, entre outros. Aqui, o autor recupera a estratégia de falar do homem (os Caretos), seus vícios e defeitos, através da personificação de animais. Também o relato de viagem, género literário tão cultivado em Portugal ao longo dos tempos em que a nossa literatura se tem vindo a constituir, mas aqui ela é quase apenas uma estratégia narrativa de suporte da verdadeira intenção da obra e suas mensagens: “Viagem a fazer-se há-de ter partidas em todos os sentidos e em todas as direcções. De outro modo, não valerá a pena viajar!” (p. 16), e é sempre um mundo de surpresas – e nela o ser conhece o mundo e conhece-se a si próprio.

BRUNA SILVA

Colégio D. Diogo de Sousa - Braga

TIAGO AIRES

Colégio D. Diogo de Sousa – Braga

Recebido: 24 de março de 2011

Aprovado: 13 de abril de 2011